

LINGUAGEM E SOCIEDADE E SUAS IMPLICAÇÕES COTIDIANAS

VOLUME 1

Organizadora:

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

LINGUAGEM E SOCIEDADE E SUAS IMPLICAÇÕES COTIDIANAS

VOLUME 1

Organizadora:

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

Editora Omnis Scientia

LINGUAGEM E SOCIEDADE E SUAS IMPLICAÇÕES COTIDIANAS

Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO - PE

2021

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Organizador (a)

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

Conselho Editorial

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Wendel José Teles Pontes

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Cássio Brancalone

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Editores de Área - Ciências Sociais Aplicadas

Dra. Helga Midori Iwamoto

Dra. Milena Nunes Alves de Sousa

Dr. Thiago Barbosa Soares

Editores de Área - Linguística, Letras e Artes

Dra. Verônica Maria de Araújo Pontes

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L755 Linguagem e sociedade e suas implicações cotidianas [livro eletrônico] / Organizadora Emanuelle Valéria Gomes de Lima. – Triunfo, PE: Omnis Scientia, 2021. 69 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-88958-49-0

DOI 10.47094/978-65-88958-49-0

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Educação. I. Lima, Emanuelle Valéria Gomes de.

CDD 401.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

Tomando por base as implicações sociais e cotidianas da linguagem, esta obra configura-se como uma importante iniciativa de seus organizadores, pois se insere no campo de um debate atual com ênfase em perspectivas multidisciplinares. A dimensão da linguagem, portanto, permite aos autores realizar discussões plurais, a partir de visões dinâmicas das diversas áreas teórico-metodológicas e científicas estudadas academicamente.

Compreendendo que a dimensão da linguagem abarca não apenas o plano estrutural, mas também funcional, por meio do qual os sujeitos se constituem e interagem atuando sobre o mundo, as discussões que se estendem ao longo deste livro contemplam temas diversos como: a importância da pluriétnicidade em imagens visuais do livro didático de língua inglesa, a análise estética da poesia brasileira na década de 1970, as relações de trabalho na modernidade líquida, a variação linguística e a mediação didática advinda da relação professor-aluno, especialmente, no que diz respeito a Educação Inclusiva.

Os cinco capítulos que integram esta obra demonstram cuidadosos esforços de seus autores na abordagem da linguagem como instrumento que busca estabelecer relacionamentos sociais, levando em consideração que a formação do sujeito acontece socialmente. Dessa forma, ao transcender as relações, o estudo da linguagem compreende a democratização de temáticas que elevam as pautas identitárias a um lugar de existência, como é o caso do estudo sobre aspectos étnico-raciais negros em livros didáticos, do papel da mulher na poesia brasileira e ainda das políticas públicas educacionais que legitimam a inclusão, estudos citados nesta coleção. Além disso, o debate engendra relevantes reflexões que abrem espaço para o leitor pensar nas supostas causas históricas que viabilizaram a situação do trabalho atualmente e refletir sobre a variação linguística que compreende diversos fatores sociais para sua construção.

Certa de que esta é uma obra instigante, convido o leitor a deleitar-se durante a leitura dos artigos, que, apesar da complexidade, desenrolam-se de forma didática. As sequências didático-pedagógicas, literárias, sociológicas, linguísticas e inclusivas refletem as inquietações do mundo moderno e convidam o leitor a ressignificar os saberes implicados em suas práticas, de acordo com o teor de suas pesquisas.

Em nossos livros selecionamos um dos capítulos para premiação como forma de incentivo para os autores, e entre os excelentes trabalhos selecionados para compor este livro, o premiado foi o capítulo 5, intitulado “A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO NEGRO: UM OLHAR NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA”.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....9

PEDAGOGO NO PEDIASUIT®: ESTUDO APLICADO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLA NA APAE DE ARIQUEMES RONDÔNIA

Carina Marques de Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-88958-49-0/9-23

CAPÍTULO 2.....24

POETISA MARGINAL: UMA ANÁLISE DA ESTÉTICA CONFSSIONAL E DO JOGO DE LINGUAGEM DE ANA CRISTINA CESAR

Clodoaldo Sanches Fofano

Alcione Candido da Silva

Eliana Crispim França Luquetti

DOI: 10.47094/978-65-88958-49-0/24-33

CAPÍTULO 3.....34

A VARIAÇÃO DO VERBO *CHEGAR* EM MANCHETES DO G1

Dailane dos Santos Avelar

DOI: 10.47094/978-65-88958-49-0/34-42

CAPÍTULO 4.....43

SOCIEDADE E TRABALHO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A SITUAÇÃO DO TRABALHO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Jerônimo Cavalcante Dantas da Silva

Marlon Kauã Silva Cardoso

DOI: 10.47094/978-65-88958-49-0/43-54

CAPÍTULO 5.....55

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO NEGRO: UM OLHAR NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA

Cícero Barboza Nunes

Francinaldo dos Santos Custódio

José Juvêncio Neto de Souza

DOI: 10.47094/978-65-88958-49-0/55-66

SOCIEDADE E TRABALHO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A SITUAÇÃO DO TRABALHO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Jerônimo Cavalcante Dantas da Silva¹;

Marlon Kauã Silva Cardoso².

RESUMO: O presente estudo visa refletir sobre as relações de trabalho na modernidade líquida. No primeiro momento, fazemos uma discussão acerca do que foi a modernidade sólida para os clássicos da sociologia e como as relações de trabalho eram praticadas em seu seio. No segundo momento, buscamos refletir sobre a situação do trabalho na modernidade líquida e apontar algumas supostas causas históricas que viabilizaram essa situação.

PALAVRAS-CHAVES: Modernidade sólida. Modernidade líquida. Trabalho.

SOCIETY AND WORK: A BRIEF REFLECTION ON THE SITUATION OF WORK IN LIQUID MODERNITY.

ABSTRACT: This study aims to reflect on labor relations in liquid modernity. At first, we have a discussion about what solid modernity was for the classics of sociology and how labor relations were practiced in their midst. In the second moment, we seek to reflect on the work situation in liquid modernity and to point out some supposed historical causes that made this situation feasible.

KEY-WORDS: Solid modernity. Liquid modernity. Work.

INTRODUÇÃO

Como sugerido por Weber (2005), a intuição e a personalidade na ciência possuem um papel fundamental tal como na arte. A primeira nos ocorre quando menos esperamos, quando passamos a ler um livro, quando nos sentamos em uma sala de aula, em uma mesa de bar com os amigos, ou, nas próprias palavras do autor, “[...] quando nos encontramos sentados em uma poltrona e fumando um charuto”². A segunda, a personalidade, derivado fato de que inexiste a neutralidade na ciência, pois “[...] Tão-somente aquele se coloca pura e simplesmente a serviço de sua causa possui ‘personalidade’, no mundo da ciência”³.

²WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 34.

Podemos dizer, portanto, que esse pequeno e humilde estudo surgiu intuitivamente da leitura dos livros do sociólogo polonês Zygmunt Bauman e que, como consequência, a nossa causa se coloca contra o mundo desigual do capitalismo e a serviço de suas vítimas.

Nossa problemática caracteriza-se da seguinte forma: o trabalho desde sempre foi uma atividade central para a vida humana, foi ele quem permitiu ao homem o salto quantitativo/qualitativo para com seu ancestral comum, o macaco. Os seres sociais, continuamente produziram em sociedade, da propriedade tribal à privada, o homem sem nunca cessar precisou satisfazer suas necessidades fisiológicas e imaginárias. Contudo, na atual fase do modo de produção capitalista, o “moderno”, o que é próprio da “sociedade burguesa”, presencia-se as reminiscências daquilo que o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman (19998, 2001, 2004, 2007, 20008), chamou, parafraseando Marx e Engels (1998), de “derretimento dos sólidos”, onde alguns aspectos da “condição humana” estão em crises. Dentre esses, destaca-se o “trabalho”, que parece estar travestindo-se de uma nova morfologia, cada vez mais flexível, sem estabilidade, segurança, e divorciada de seu par moderno: o capital. Nesse sentido, é pertinente questionar: a “modernidade líquida”, sob a ótica do trabalho, seria a expressão de uma nova forma de organização espontânea, que surgiu para contrapor a estrutura de sua antecessora, a “modernidade sólida”? Ou a nova morfologia trabalho seria um resultado das “contradições”, da “desintegração”, da “desracionalização”, de um modo de organização social que já nasceu subsumido a um processo de derretimento? E quais as diferenças, se é que existem, entre as relações de trabalho no “capitalismo pesado” e as que ocorrem no “capitalismo leve”?

Nosso objetivo geral visa refletir sobre as relações de trabalho na modernidade líquida, e os específicos dividem-se em três, que complementam-se: 1) compreender a morfologia do trabalho na modernidade sólida e no capitalismo pesado à ótica dos clássicos da sociologia; 2) entender o labor na modernidade líquida à luz da perspectiva sociológica baumaniana; 3) diferenciar o que se preservou e o que mudou nas relações de trabalho, após derretimento dos sólidos.

³*Ibidem*, p. 35.

As duas grandes hipóteses que procuramos defender são as seguintes: 1) o trabalho na modernidade líquida só pôde ganhar sua nova forma, por conta das contradições, da desracionalização, da desintegração e, em uma perspectiva global, do derretimento dos sólidos circunscritos na modernidade desde seu nascimento; 2) existe uma discrepante diferença entre as relações de trabalho na modernidade sólida e líquida.

Antes de mais nada para que se evite equívocos, devemos justificar que esse trabalho, próximo de um ensaio, surge na tentativa de contribuir para as ciências sociais, em específico para a sociologia do trabalho, acerca da discussão da situação do trabalho no século XXI, mas de modo algum esse estudo deve ser lido como uma interpretação da vasta produção baumaniana, haja vista que, tomamos como eixo teórico para a produção desse trabalho a sociologia de Bauman, mas de modo algum somos especialistas nas ideias do autor. Metodologicamente, fizemos um extenso estudo bibliográfico com enfoque qualitativo e como técnicas de estudo, para interpretação das obras, fez-se fichamentos e resenhas.

O texto, em seu *corpus*, divide-se em duas partes, na primeira proporciona-se ao leitor uma discussão acerca do que foi a modernidade sólida, na perspectiva sociológica clássica, e como nela as relações de trabalho estruturavam-se. Na segunda parte, fizemos as “imputações causais” de alguns fenômenos sociais, que supostamente viabilizaram a ascensão desse atual estágio da modernidade, a modernidade líquida, como consequência, analisamos como estão se dando as relações de trabalho nessa sociedade líquida.

Reflexões sobre as relações de trabalho na modernidade sólida.

“A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino. Para lê-la, basta um sociólogo treinado; não é preciso um astrólogo imaginativo”
(BAUMAN, 2001, p. 131).

Como explica Martins (1994), a sociologia é uma tentativa de explicação e compreensão de situações sociais radicalmente novas criadas pela emergente sociedade capitalista. Essa ciência surge, nesse sentido, embalada por dois acontecimentos históricos fundamentais que modificaram o modo de organização social e político das sociedades ocidentais, são eles: a revolução francesa e industrial.

Com a virada do século XVIII para o XIX, presenciou-se o arauto das máquinas, na Inglaterra, e com a tomada do poder político pela burguesia em 1789, na França, a contestação das ideologias feudais e, em consequência, o declínio do modo de produção que era sua base. A sociologia e, por conseguinte, seus fundadores (Marx, Weber e Durkheim), podem ser lidos, nesse contexto, “como uma das manifestações do pensamento moderno”⁴, isto porque, como afirma Bauman, “a sociologia comprometeu-se desde seu surgimento num relacionamento mimético com seu objeto”⁵, ou melhor dizendo, “com a imaginação desse objeto que construiu e aceitou como moldura do seu próprio discurso”⁶.

Por isso nossa escolha pelos clássicos, eles nos proporcionam um arquétipo da modernidade, uma fonte bibliográfica sofisticada que, embora não substitua a investigação histórica, nos presenteia com uma noção científica do que foi a “modernidade pesada”. Esses pensadores são, novamente, as verdadeiras *manifestações do pensamento moderno* que tentaram decifrar “a constelação de estrelas” da aceleração da conquista de terras que constituiu e constitui a modernidade.

Em linhas gerais, podemos dizer que Marx e seu parceiro Engels (1998, 2005, 2017), um dos primeiros pensadores da sociologia, compreendiam a modernidade como o surgimento do modo de produção capitalista da burguesia, em insurgência para com o modo de produção feudal. Além disso, segundo Neto (1987), eles, mais especificamente Marx, tinham como objeto de estudo a sociedade burguesa, e seu intuito era, de forma central, elaborar uma teoria social dessa sociedade.

Durkheim (1999, 2004, 2009), “[...] o sociólogo da ordem e da integração, o metodólogo positivista da objetividade e da coisificação”⁷, entendia a modernidade como o progresso do meio social, da divisão social do trabalho, que faz com que a solidariedade orgânica progressivamente tome o lugar da que à antecede, a solidariedade mecânica.

⁴ MARTINS, C. B. O que é sociologia. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 10.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e holocausto. ed. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 49.

⁶ *Ibidem*, p. 49.

⁷ PIZORRO, Alessandro. **Uma leitura atual de Durkheim**, 1930. In: GOHN, Gabriel. **Sociologia – para ler os clássicos**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2005. p. 103.

Weber (2004, 2013, 2015), “[...] o economista por profissão”, que, “foi se tornando paulatinamente, um sociólogo por confissão”⁸, diagnosticou que com o “desencantamento do mundo”, isto é, com a secularização promovida pela cultura ocidental, o mundo se tornaria cada vez mais racional em todas as suas esferas: religiosa, política, social, cultural e econômica.

Esse pressuposto weberiano – o de racionalização do mundo - pode ser exemplificado quando Bauman (1998), coloca como pares a *modernidade e o Holocausto*, e, por conta disso, quando defende que mesmo que o holocausto não seja a modernidade, ele “nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano”⁹.

Na modernidade sólida, no capitalismo pesado, todos esses ingredientes descritos pelos clássicos, o de uma relação de produção entre burguesia e proletariado, no chão da fábrica, de uma solidariedade orgânica entre os diversos setores da divisão social do trabalho, uma conduta racional do trabalhador, eram ambos presentes.

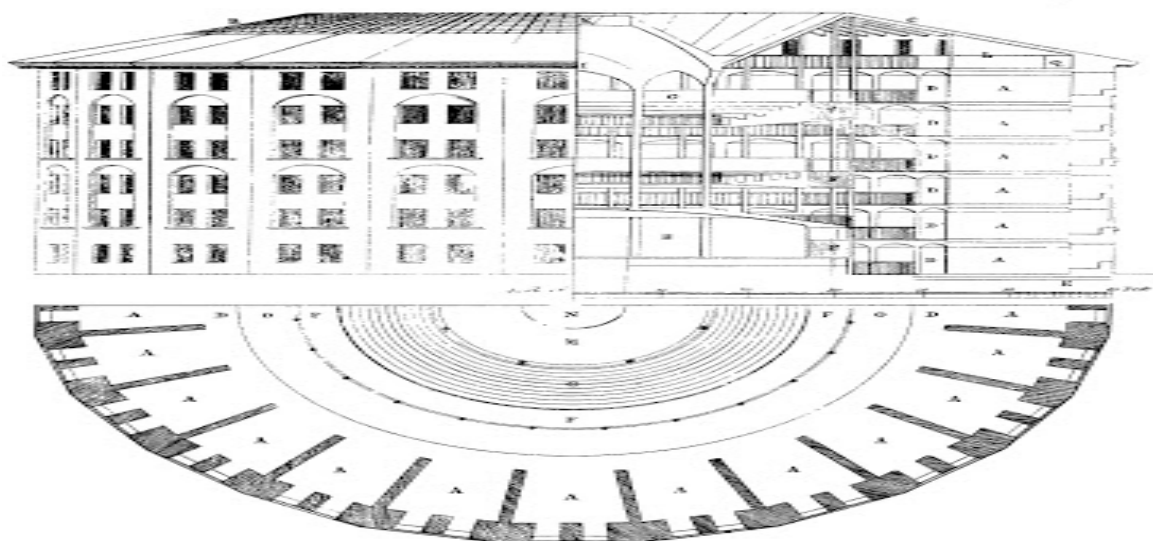
Como afirma Bauman (2001), Foucault (2012), estudando uma história correlativa da “alma moderna” e do poder de julgar, definiu o panóptico de Jeremy Bentham como “arquimetáfora do poder moderno”¹⁰.

⁸ SEEL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. ed. 7. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 109.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. ed. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 12.

¹⁰ O panóptico, essa “jaula cruel e sábia” (Foucault, 2012, p. 194), tinha como princípio as seguintes características: na periferia uma arquitetura em anel, onde é dividida as celas, cada uma com duas janelas, uma para o interior, outra para o exterior, que permite a entrada da luz nas celas; no centro, tem-se a torre frente a face interna do anel. A eficácia do poder nessa colossal arquitetura põe-se da seguinte forma: os detentos são vigiados, mas não podem ver quem os vigia

Foto 1: Panóptico de Jeramy Benthan.



Com o panóptico, uma nova relação de sujeição real pelas vias de um poder artificial substituiu o poder despótico dos príncipes que suplicavam os corpos dos condenados no cadafalso. Nessa “casa da certeza”¹¹, o corpo é “vigiado e punido” sem precisar recorrer à força física. O panóptico deve ser entendido como “um modelo generalizável de funcionamentos; uma maneira de definir as relações do poder com a vida cotidiana dos homens”¹². Esse diagrama do mecanismo de poder moderno tinha, portanto, um papel de amplificação dos interesses da propriedade privada:

“[...] organiza-se o poder, não é pelo próprio poder, nem pela salvação imediata de uma sociedade ameaçada: o que importa é tornar *mais fortes as forças sociais – aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral pública; fazer crescer e multiplicar* [grifos meus]” (FOUCAULT, 2012, p. 197).

Essa “arquimetáfora” representa não só uma “jaula”. Pelo contrário, ela é um exemplo de como o poder moderno era exercido em sociedade. Exercido de forma artificial, onde uma minoria vigiava uma maioria dentro de determinado território. Por isso ela possui afinidade eletiva com a relação de poder que corria no modo de produção e acumulação taylorista/fordista¹³, que era o “tipo ideal” de indústria responsável, na época da “modernidade sólida”, ou do “capitalismo pesado”, por fincar os trabalhadores no chão da fábrica.

¹¹ *Ibidem*, p. 192.

¹² *Ibidem*, p. 194.

¹³ O binômio taylorismo/fordismo foi, como afirma Antunes (1998, 2005, 2009), um sistema produtivo dominante que vigorou desde o início do século XX, sobretudo a partir da segunda década, e se destacava pela produção de mercadoria em massa; através da linha de montagem de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro fordista e produção em série taylorista; pela separação entre *elaboração e execução* no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do *operário-massa*, do

trabalhador coletivo fabril e outras dimensões. É somente entre as décadas de 60 a 70 do século XX, que este sistema econômico começa a entrar em contradição, são várias as questões que contribuíram para tanto, destaca-se, pois, a principal, a existência do “operário-massa” que ajudou a construção da social-democracia, mas que foi seu principal elemento de confrontação, limitação e, igualmente, sinônimo de ruptura do casamento proletariado e burguesia que constituía a essência do *Welfare State*.

Quem melhor ilustra essa relação de poder é o próprio Henry Ford, como o descobridor de um modo particular de manter os trabalhadores sobre sua gerência, ou melhor, de como preservar os defensores de sua fortaleza industrial dentro dos muros sem ser descartados (BAUMAN, 2011). Em consequência a isso, a relação de produção clássica, em que o burguês explorava os proletariados para obter mais-valor, descrita por Marx (1998, 205, 2017), a coesão social promovida pela divisão social do trabalho, descrita por Durkheim (1999, 2004, 2009), e o espírito do capitalismo criado pela ética protestante e, em respectivo, a ação racional em relação a fins que lhe correspondia, como colocado por Weber (2004, 2013, 2015), encontravam no fordismo sua mais plena realização pelas vias da relação de poder artificial panóptica. Vejamos o exemplo a seguir:

Henry Ford decidiu um dia “dobrar” os salários de seus trabalhadores. A razão (publicamente) declarada, a célebre frase “quero que meus trabalhadores sejam pagos suficientemente bem para comprar meus carros” foi, obviamente, uma brincadeira. As compras dos trabalhadores eram uma fração ínfima de suas vendas, mas os salários pesavam muito mais em seus custos ... *A verdadeira razão para o aumento dos salários foi a formidável rotatividade de força de trabalho que a Ford enfrentava. Ele decidiu dar o aumento espetacular aos trabalhadores para fixá-los à linha [grifos meus] (COHEN apud BAUMAN, 2001, p. 69).*

É, portanto, essa “linha” artificial, como a criada pelo panóptico, a responsável pela solidariedade necessária entre o capital e trabalho que, por meio de uma constante vigilância no território da fábrica, permitia aos trabalhadores uma vida estável, uma profissão e um planejamento para o futuro. Certamente, nossos ancestrais mais próximos, avós e avôs, pais e mães, teriam mais certeza de seus empregos que nós dos/nos nossos. Em suma, esse era o modo pela qual as relações de trabalho eram praticadas na modernidade sólida: embora com exploração da força de trabalho, mas sempre com uma certeza, segurança e um pensamento prospectivo.

A respeito das relações de trabalho na modernidade líquida, algumas reflexões.

[...] a modernidade não foi um processo de “liquefação” desde o começo? Não foi o “derretimento dos sólidos” seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi “fluida” desde sua concepção? (BAUMAN, 2001, p. 9).

Bauman (2007), em seu pequeno livro intitulado *Tempos líquidos*, nos convida a entrar “corajosamente no viveiro das incertezas”. Nesse lugar habitam os homens, os seres sociais e suas características são dadas de várias formas, aqui interessa-nos apenas a primeira delas. Nela, tem-se a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”, isto é, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição das rotinas, que instituem padrões de comportamento, como o panóptico) não podem mais manter sua forma por muito tempo.

Contudo, resta saber o que proporcionou essa mudança. Por conta disso, metodologicamente, trata-se de proceder na nossa investigação fazendo, como sugere Weber (2015), a “imputação causal”¹⁴, isto é, a verificação científica de algumas das circunstâncias históricas-lógicas que viabilizaram esse atual estado líquido da sociedade.

Portanto, é Marx e Engels (1998) que nos dão inicialmente algumas “causas”, argumentam que se “Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos”¹⁵, e isso se deu porque a burguesia era a guardiã do veredicto moderno, o de que “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar”¹⁶. O exemplo desse *desmanche* são as “leis” do capitalismo”. Uma delas é “A lei geral da acumulação burguesa”.

¹⁴ Para a explicação correta do curso de uma “ação social” é necessário fazer a imputação causal dos fatos históricos, ou seja, avaliar todos seus desvios e erros, todas suas possíveis conexões racionais e irracionais até que se chegue a um “tipo ideal” (WEBER, 2015).

¹⁵ *Ibidem*. p. 10.

¹⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. ed.1. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 43.

Na relação de produção, isto é, no movimento exploratório e espoliatório da força de trabalho que produz a mercadoria para que na circulação, isto é, no processo de venda realize o lucro, ou, o mais-valor do capitalista, tem-se sempre a tendência de se converter mais capital nos meios de produção e, dessa forma, substituir o homem pela máquina. Essa lei da acumulação capitalista “subjaz à pretensa ‘lei natural da população’”¹⁷. Por isso, seu efeito é a produção de uma superpopulação relativa. O efeito dessa “contradição” do sistema capitalista era, na modernidade sólida, a responsável pela produção da “[...] esfera do pauperismo. Abstraindo dos vagabundos, delinquentes, prostitutas”¹⁸.

Outro efeito da constituição da modernidade sólida, deu-se com o progresso da divisão social do trabalho, como denota Durkheim (1999). Para ele, a divisão social do trabalho não deve ser interpretada à luz de um olhar economicista, mas, sob uma perspectiva sociológica, isto é, como “[...] um fato social que só pode ser bem conhecido por intermédio de seus efeitos sociais”¹⁹. Um desses efeitos sociais é a anomia, ou a patologia.

O patológico, ou o anormal, é para Durkheim o motivo das perturbações na coesão social e, por conseguinte, a condição *sine qua non* para o início do processo de desintegração social. O primeiro caso de uma “divisão social anômica” “[...] nos é fornecido pelas crises industriais ou comerciais, pelas falências, que são verdadeiras rupturas parciais da solidariedade orgânica”²⁰. Essas

crises, anomias²¹, bem como, as descritas por Marx, estão circunscritas na modernidade desde seu nascimento. Elas fazem parte do derretimento dos sólidos.

¹⁷ MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital.ed. 2. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 697.

¹⁸ *Ibidem*, p. 719.

¹⁹ DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. ed. 2. São Paulo: Martin Fontes, 1999. p. 34.

²⁰*Ibidem*. p. 368.

²¹Nesse sentido, as anomias surgem, dentre outras coisas, quando o egoísmo substitui o altruísmo. De fato, uma vez que a solidariedade mecânica vai enfraquecendo, o indivíduo vai cada vez mais se deslocando da sociedade e passa a voltar-se para si e seu ofício na divisão social do trabalho, por isso, “[...] essa lei já basta para mostrar a grandeza do papel da divisão do trabalho” em instituir uma solidariedade orgânica, mas, ao mesmo tempo, produzir um individualismo:É, pois, uma *lei da história* [grifos meus] a de que a solidariedade mecânica, que, a princípio, é a única ou quase perde terreno progressivamente e que a solidariedade orgânica se torna pouco a pouco preponderante. Mas quando a maneira como os homens são solidários se modifica, a estrutura das sociedades não pode deixar de mudar (DURKHEIM, 1999, p. 158).

Sintetizando, os clássicos da sociologia, com exceção de Weber²², já nos davam, séculos atrás, alguns indícios da tendência moderna em derreter-se, embora não sejam os guardiões das únicas “imputações causais” possíveis, certamente, estavam corretos ao defenderem que o capitalismo é em si um modo de produção contraditório e que, por conta disso, com o progresso da divisão social do trabalho, em seu seio, tem-se cada vez mais a individualização como pressuposto da desintegração social.

Por conta das contradições do próprio capitalismo, do processo de desintegração e desracionalização das sociedades estamos testemunhando um outro tipo de trabalho, uma nova morfologia que difere daquela encontrada nas sociedades panópticas. O fim desta sociedade é, igualmente, “[...] o arauto do fim da era do engajamento mútuo: entre supervisores e supervisionados, capital e trabalho, líderes e seguidores, exércitos em guerra”²³.

O divórcio entre o capital e o trabalho está proporcionando, nos dias de hoje, a “leveza do ser” para o capitalista, e a incerteza, insegurança e o fim de qualquer estabilidade no emprego para os trabalhadores. Essa leveza é o que faz do capitalismo um “capitalismo leve” (BAUMAN,1998, 2001, 2004, 2007, 2008).

O geógrafo marxista Havery (1983), sugere que vivemos a expansão e a heterogenização da classe trabalhadora, por meio daquilo que, após a corrosão do fordismo iniciada em 1960, e consolidada em 1970, denomina-se “acumulação flexível”²⁴ do capital. Nesses espaços produtivos, os que viabilizam esse tipo de acumulação, impera a “sociedade dual” que se divide em dois âmbitos na estrutura do mercado – o centro: trabalhadores qualificados – e a periferia: trabalhadores precarizados.

²² Weber talvez seja o intelectual do século XX nas reflexões baumanianas, posto que o autor utiliza a sociologia compreensiva para analisar os “fatores” constituintes do Holocausto, em específico: “[...] os padrões tipicamente modernos, tecnológico-burocráticos, de ação e a mentalidade que eles geram, institucionalizam, mantêm e reproduzem” (p. 119). ²³

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 18.

²⁴ Segundo o autor: “A acumulação flexível [...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado ‘setor de serviços’,

bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas” (HARVEY, 1993, p. 140).

O sociólogo brasileiro Antunes (2005, 2006, 2009), defende que após a crise de 1960/70, e mais adiante com a virada do milênio, uma nova morfologia do trabalho surgiu e tornou a classe trabalhadora difusa em todas as sociedades, seu status passou a ser a da “*classe-que-vive-do-trabalho*”, ou seja, a da classe que deve incorporar aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, como o enorme contingente de trabalhadores precarizados, terceirizado, fabris e de serviços, *part-time* (ANTUNES, 1998, 2005, 2009).

O que esses dois autores nos revelam é que, com o derretimento dos sólidos, passamos à uma nova fase da sociedade em que o trabalho, embora não tenha perdido sua centralidade como alguns autores ousam a dizer²⁵, passou por profundas transformações.

Uma dessas transformações, encontram-se no seio da Microsoft:

“Quem começa uma carreira na Microsoft”, observa Cohen, “não sabe onde ela vai terminar. Começar na Ford ou na Renault implicava, ao contrário, a quase certeza de que a carreira seguiria seu curso no mesmo lugar” (COHEN *apud* BAUMAN, 2001, p. 70).

Na atual fase do capitalismo, o da Microsoft, inexistente a possibilidade de uma carreira fixa, ou de uma profissão como a caracterizada por Weber (2008). O “corpo composto por sólidos”²⁶, durável, requerido por sua certeza nas sociedades panópticas, foi substituído pelo “corpo do consumidor”, o trabalhador da Microsoft tem de viver com a incerteza de saber se hoje, ou amanhã, receberá uma carta de demissão ou de promoção.

O que quer que esse “capitalismo leve”, o da Microsoft, o da “elite global”, traga para o mundo do trabalho, não podemos desconsiderar que são implicações negativas, que além de afetar a “profissão”, a “carreira”, o “emprego”, os “corpos”, traz medo e fragilidade nos laços humanos.

²⁵Podemos citar como exemplo, alguns desses autores, como Touraine (1994), que defende o fim das sociedades industriais; Gorz (1982), que advoga, pelas vias de um sofisma, que o proletariado foi substituído pelo artista ao ponto de dizer “Adeus proletariado”; e Lyotard (2009), que especula filosoficamente sobre uma sociedade “pós moderna”, ao denotar o declínio dos “meta relatos” no final do século XIX.

²⁶Segundo Foucault (2012, p. 149), esse corpo, típico do século XVIII e XIX, da época das sociedades panópticas, é “[...] portador de forças e sede de algo durável; é o copo suscetível de operações especificadas, que têm sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes”.

Se o medo, é “[...] o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”²⁷, no “capitalismo leve”, ele ganha um protagonismo maior, quicá inimaginável.

Por isso, o Estado que “Desde o começo [...] foi, portanto, confrontado com a tarefa assustadora de *administrar o medo*”²⁸, por meio dos “tribunais”²⁹, descritos por Durkheim (1999), parecem cada vez mais está perdendo força para o poder global. As leis trabalhistas sendo atacadas em todo mundo pela

onda neoliberal e, como consequência, pela “globalização negativa”, fazem parte da desintegração da solidariedade que resultou no “[...] fim da maneira sólido-moderna de administrar o medo”³⁰.

Os laços humanos, da mesma forma que o Estado, também estão em crises, suas consequências para o trabalho são desastrosas. Por isso, os relacionamentos como “transações comerciais”, ou como “relações de bolso”, no trabalho ganham maior protagonismo, e, estão, progressivamente, relacionadas com a substituição da capacidade sexual de produzir e reproduzir do *homo faber* pela capacidade de consumir sem produzir ou reproduzir do *homo consumens*. Um exemplo desse caso é que, a pretexto do enfraquecimento dos laços amorosos, os trabalhadores preferem não ter filhos para possuírem uma liberdade, um poder de compra maior, do que terem um filho e laborarem para o sustento dos laços familiares (BAUMAN, 2004). Por conta disso, “Num mundo que não oferece mais planos de carreira e empregos estáveis, assinar um contrato de hipoteca com prestações de valor desconhecido”, como os filhos, significa, “[...] expor-se a um nível de risco atipicamente elevado e a uma fonte prolífica de ansiedade e medo”³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 8.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 65.

²⁹ Durkheim (1999), defendia que com o progresso da divisão social do trabalho, o direito retributivo expandir ia-se e as partes restritivas da sociedade como a educação, a saúde, a cultura e o trabalho ganhariam cada qual “tribunais” específicos que ajudariam a regular as relações nesses setores.

³⁰ *Ibidem*, p. 73.

³¹ *Ibidem*, p. 60.

Passemos ao resumo do exposto. O trabalho como demosstramos sempre foi uma atividade humana central na vida dos sujeitos sociais. Na modernidade sólida existia uma relação de produção entre burguesia e proletariados, em torno da grande indústria (MARX, 1998, 2005, 2017), nesta relação uma ordem social e moral *sui generis* se estabelecia para garantir a coesão na divisão social do trabalho (DUKHEIM, 1999, 2004, 2009), e no seio da propriedade privada o “espírito do capitalismo” habitava na mente e nas mãos dos proletariados que encaravam seu trabalho como sua profissão (WEBER, 2004, 2013, 2015); essas características formam juntas o “arquétipo” da relação de trabalho no “capitalismo pesado” fordista.

Contudo, na modernidade líquida todas essas formas de relação de trabalho não conseguem mas se sustentar, pelas razões que já apontamos, homens e mulheres estão cada vez mais incertos de seus futuros, as profissões estão, pouco a pouco, deixando de existir, a instabilidade financeira, a busca por algo que nunca chega, o consumo imediato sem a preocupação com a poupança, em suma, tudo que caracterizamos que poderia ter alguma afinidade com o trabalho na modernidade sólida não está mais na agenda da vida cotidiana das pessoas (BAUMAN, 1998, 2001, 2004, 2007, 2008). Entre o trabalhador do fordismo e o da Microsoft existe uma diferença colossal, se antes a exploração dava a certeza aos trabalhadores que seriam espoliados, hoje a burguesia, ou, a elite global, os retirou a certeza e os jogou na lógica do “salve-se” quem puder do mercado, a “*classe-que-vive-do-trabalho*”,

este “exército industrial de reserva” que foi expropriado das suas terras pela modernização sólida, hoje é expropriada até do “direito” em ser explorada pelo atual estágio do modo de produção capitalista.

No mais, podemos dizer que os objetivos propostos foram parcialmente alcançados, haja vista que, a discussão sobre o universo líquido, em específico o trabalho, ainda possui outras variantes que podem ser exploradas. Nossas hipóteses, que as chamamos assim pela tentativa da coerência com a produção científica dominante, mas que em realidade são idéias que procuramos defender em todo *corpus* textual acima apresentado, foram plenamente realizadas. Por fim gostaríamos de ressaltar o trecho da música de Gonzaguinha “*Um homem também chora (Guerreiro menino)*”, que traduz muito bem o que é um homem sem seu trabalho, um homem inseguro e dominado pela incerteza proporcionada pela modernidade líquida:

“[...] O homem se humilha se castram seus sonhos

Seu sonho é sua vida e vida é o trabalho

E sem o seu trabalho, o homem não tem honra

E sem a sua honra, se morre, se mata

Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz

Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho no mundo. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e holocausto. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Amor líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GOHN, Gabriel (org). Weber. ed. 5. São Paulo: Ática, 1991.

- _____. Sociologia – para ler os clássicos. Rio de Janeiro: Azougue editorial, (2005).
- DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.
- _____. Sociologia e filosofia. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____. As regras do método sociológico. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- TOURAINE, Alain. Crítica da modernidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 40. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- Foto 1: panóptico de Jeramy Benthan. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Pan%C3%B3ptico>. Acessado em: 2 fevereiro de 2020.
- GORZ, André. Adeus ao proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- _____. Manifesto do partido comunista. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 1998.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. ed. 12. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MARTINS, C. B. O que é sociologia. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NETTO, J. P. O que é marxismo. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SELL, Carlos Eduardo. Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber. 7. ed.. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. Volume. 1.
- _____. Ciência e política: duas vocações. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- _____. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- PIZZORRO, Alessandro. Uma leitura atual de Durkheim. 1930. *In*: GOHN, Gabriel. Sociologia – para ler os clássicos. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2005. p. 55-104.
- GONZAGUINHA. Um homem também chora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7UAIDBgOqLc>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2020.

Índice Remissivo

A

Aluno 6, 9, 10, 57, 59, 62, 63, 64
Análise interpretativa 9, 10
Atividades pedagógicas 9, 19

C

Censura 24, 25, 29
Chega, cheguei e chegou 34
Coloquialismo 24, 25, 30
Competência 9
Conhecimento prévio 9
Conjunção consecutiva 34, 40, 41
Cotidiano 23, 24, 25
Cultura afro 55, 60, 64
Cultura branca 55

D

Ditadura militar 24, 25, 28

E

Ensino de línguas 55, 65
Escritora ana cristina cesar 24, 26
Estética confessional 24
Experiência humana 9, 10

F

Feminismo 24
Função adverbial 34, 40, 41

G

Geração mimeógrafo 24, 25, 26, 32
Gramática 34, 35, 36, 41, 42, 64
Gramática de construções 34, 35, 36, 41

H

Habilidade 9

I

Imagético 56

J

Jogo de linguagem 24, 26

L

Língua(gem) como instrumento 55, 56
Linguagens não verbais 55, 56
Língua inglesa 6, 55, 58, 65
Literatura brasileira 24, 25, 26, 28, 31
Livro didático 6, 55, 57, 58, 65, 66

M

Manchetes 34, 35, 38
Modernidade líquida 43, 50, 53
Modernidade sólida 43
Momento político 24, 25, 28, 31, 32
Movimento literário 24, 25, 28, 29

N

Negro 56

O

Observação qualitativa 9, 10
O dito e o escrito 55, 56
Organizar e registrar conhecimentos 55, 56

P

Pedagogo 9
Pediasuit® 9, 10, 12, 13, 14, 18, 19, 23
Pesquisa 9, 10, 24, 25, 26, 28, 34, 35, 38, 41, 55, 57, 58, 60, 62
Pesquisa bibliográfica 24, 55, 57, 58
Poesia marginal 24, 25, 28, 30, 32, 33
Poetisa 24, 25, 26, 29
Polissemia 34, 35, 36, 37, 38
Processo de ensino e aprendizagem 55
Professor 6, 9, 37, 57, 61, 62, 63
Protocolos 9

R

Raça 55, 58, 59, 63, 65, 66
Relacionamentos sociais 6, 55, 56
Representação do negro nos livros didáticos 55, 58

S

Site de notícias 34
Site gl 34, 35, 38
Sociologia 43, 44, 45, 46, 50, 54
Suithery history 9, 14

T

Textos imagéticos 55, 57, 58, 62

Trabalho 10, 43, 53

Trabalho de campo 9, 10

Trabalho na modernidade 6, 43, 44, 45, 48, 52

Tradições da sociedade 24, 25

V

Varição polissêmica 34

Verbo chegar 34, 35, 37, 38, 39, 41

Verbo de movimento chegar 34, 37

Viés da variação 34



editoraomnisscientia@gmail.com ✉

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 🌐

@editora_omnis_scientia 📷

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 📘

+55 (87) 9656-3565 📞



editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 